







Arqueologia


Conjunto Preservado


Imóveis de Interesse


Museu



Arte Sacra



Imaterial

Igrejas/Capelas


Fontes


Património Vernacular


Miradouro


Percursos Pedestres



O monte de S. Salvador do Mundo, o Castelo Velho ou Ermo, teve as suas primeiras ocupações na Pré-História, principalmente a partir dos finais do IV milénio a.c., o período do Neolítico Final. A sua posição estratégica, o domínio visual de um vasto território, a proximidade de um bem e recurso natural como o rio Douro onde para além de existirem recursos piscatórios, passariam diversas manadas de animais, servem de argumentos pela procura e fixação neste local, de comunidades recolectoras.

A orografia a norte com uma encosta abrupta serve de meio natural de defesa, enquanto as encostas sul e

oeste apresentam menos inclinação permitindo o seu acesso. Este espaço teve uma ocupação contínua, onde para além do período da Pré-História, existe uma ocupação romana e medieval, para que posteriormente, no século XVI, se assista a uma transformação arquitetónica e simbólica, assente no início da construção do Santuário de S. Salvador do Mundo.

Ao longo desta ocupação com cerca de seis milénios, resultou diverso património arqueológico, representativo do *modus vivendi* das diversas comunidades e ambiências culturais e sociais que ali se estabeleceram. Os

diversos vestígios arqueológicos comprovam esta ocupação prolongada e linear, num espaço natural com uma forte carga simbólica (paisagem milenar) onde a natureza é a sua centralidade, passando posteriormente para um espaço onde a natureza e a fisionomia natural deste espaço, servem de contemplação, retiro, afirmação e aproximação com o religioso.

O vasto espólio arqueológico compreende diverso material cerâmico (manual e a torno), numismático, epigráfico, de produção, vidro e decorativo (bronze), existindo ao longo deste espaço diversos elementos

arquitetónicos do período romano no aparelho construtivo das diversas capelas. A este património móvel, associam-se diversas estruturas com inscrições e gravuras, representando a Fraga do Diabo, um exemplo simbólico e interpretativo das conotações mágicas, religiosas e imateriais deste local. As denominações “Largo das Covinhas” e a existência a meio da encosta de plataforma denominada por “Praça dos Mouros”, enunciam um conjunto de pequenas estruturas escavadas na rocha (*gastras, covas, sulcos de suporte*).

Da paisagem milenar a espaço religioso, S. Salvador do Mundo, personifica a construção contínua do território.





No cume da elevação da Senhora do Monte (também conhecida por Senhora do Vencimento), a cerca de 4 km a oeste de S. João da Pesqueira, subsistem elementos de sacralização da paisagem, expressa na ritualidade da construção de monumentos fúnebres. Originalmente constituída por três monumentos, a necrópole megalítica da Senhora do Monte, era um conjunto de dólmens/antas de cariz funerário, construídas (datação genérica) entre o IV/III milénio a.c. Espaço fúnebre, onde o material utilizado para a sua construção foi o xisto para os esteios (pedras erigidas ao alto) e o quartzo, pedrame da mamoa (espaço circundante da anta).

Durante o período da Reconquista Cristã, no ano 900, D. Afonso III de Leão ordena a construção de um castelo neste território, onde a associação ao recurso natural rio Douro e ao abundante pescado ali existente, como mais tarde com a instituição da igreja paroquial de S. João Baptista, passa a designar-se “*Sancto Johani de Pescaria*”. Esta será uma das quatro paróquias instituídas na época medieval, existindo ainda Santa Maria, S. Pedro e S. Tiago.

Entre 1055 e 1065, durante a segunda Reconquista, Fernando Magno de Leão e Castela concedeu o primeiro

foral a este território, considerado o mais antigo documento de concessão régia no território português, sendo outorgado pelos primeiros reis portugueses, até ao Foral Novo de 1510. Ao longo deste período são ainda concedidas diversas cartas para a realização de feira franca.

A malha urbana existente no espaço delimitado pela muralha medieval (com cerca de 6 hectares de área) possui estruturas e tipologias das pequenas edificações medievais de cariz rural, sendo então delimitada a norte por um esporão natural, a oeste pela rua do Outeiro, a este pela rua Fora de Vila, e a sul pelo Rossio e

Arrabalde, por onde confinava uma artéria (rua Direita) e subsistia a Igreja de S. João em direção à Estrada Real, onde persistia a Igreja de S. Tiago. Durante a época medieval, este território é doado aos irmãos Rui e Pedro de Távora.

Nos séculos seguintes seria a família Távora que, através do seu estabelecimento na região e da sua ação enquanto senhores locais, marcaria de forma determinante o urbanismo da vila, nomeadamente depois de em 1611 receberem o título de condes de S. João da Pesqueira, e todo o seu relacionamento com o poder central.





Núcleo Histórico de S. João da Pesqueira: Rua Direita e Praça da República

Espaço com características medievais, anteriormente delimitado pela sua cerca medieval, o núcleo histórico de S. João da Pesqueira, foi tendo a partir dos séculos XVI e XVII, mas especialmente a partir do século XVIII uma forte expansão extra-cerca medieval, sendo a Praça da República, o centro desta nova transformação arquitetónica. Para além da época medieval (arco e torre), é nos séculos XVII e XVIII, que se complementa e idealiza uma nova praça, com a transformação da capela da Misericórdia e do antigo solar dos Távoras. É o próprio poder central que impulsiona, incentiva e idealiza esta nova realidade, a nova Praça da República.

Passa a ser cada vez mais o centro cívico, social, político e económico do antigo burgo medieval, ocorrendo uma renovação arquitetónica nos seus espaços a partir da 2ª metade do século XVIII, como seja o edifício dos Paços do Concelho, a arcada, onde em 1809 *“na arrematação dos arcos da praça da vila é proibido que se arrematasse banca de ferrador”* e a torre do relógio, onde para além de dar o toque para o início da ronda, ou início das sessões camarárias, foi em 1774 objeto de *“hasta pública para compor o telhado e sobrado do relógio e reparar a máquina do mesmo relógio”*.

Percorrendo a rua Direita (ou direta da antiga estrada real ao núcleo histórico) surgem-nos diversos edifícios de diversas volumetrias com função habitacional e comercial. Esta rua personifica o alargamento extra-muros da cerca medieval, que ao longo dos séculos XVII e XVIII, proporcionou o aparecimento de uma nova linguagem arquitetónica, sendo exemplo o Solar dos Pintos e a Casa dos Veloso.

O Solar dos Pintos, possui frontaria barroca com janelas de saial (século XVIII) decoradas por concheados e florões que não se repetem. Ao centro destaca-se uma varanda ondulada com gradeamento em ferro forjado.

Exteriormente, a decoração aproxima-se das influências e características existentes na Casa do Cabo, solar do século XVIII, embora de escala e volumetria mais modesta. Os pormenores da pedra profusamente trabalhada nas janelas, varanda e cornijas, transportam-nos para as ambiências sociais, culturais e artísticas do período do barroco, beneficiando de uma nova emergência local e regional, a produção vitivinícola do território Douro. Ao longo desta artéria, para além de diversas tipologias e escalas arquitetónicas, verifica-se a utilização de diversos materiais construtivos, como o granito, o xisto no aparelho construtivo ou a ardósia em espinha.





Núcleo Histórico de S. João da Pesqueira: Rua Direita e Praça da República

Ainda na rua Direita, e na periferia do Solar dos Pintos, sobressai a Casa dos Veloso, imóvel com piso térreo e dois pisos de fachada corrida possuindo janelas e portas de verga, varanda com gradeamento de ferro forjado e dois pináculos no sistema de cobertura.

Caminhando em direção à Praça da República, sobressaem diversos edifícios dos séculos XIX com função assumidamente habitacional. Curiosa é a solução arquitetónica apresentada na rua do Passadiço, com a introdução de uma passagem de ligação e comunicação entre edifícios.

Aproximando-nos da Praça da República, visualiza-se o antigo centro nevrálgico do núcleo histórico pós época medieval, identificado no espaço físico da praça, o espaço social, cívico, económico, cultural e arquitetónico, onde o percurso histórico deste território está representado com a presença do poder local (antigo edifício dos Paços do Concelho), religioso (Capela da Misericórdia), comercial (arcada), aristocrático (antigo solar dos Távoras), onde no passado existia o pelourinho, símbolo da municipalidade e jurisdição do poder local. Edifícios que representam a transformação social, económica e cultural deste território, cuja presença nesta

praça marcam de forma vincada o quotidiano desta comunidade. A Praça da República é o principal conjunto arquitetónico de S. João da Pesqueira, classificado em 2013, como Conjunto de Interesse Público. É o reflexo da ocupação contínua de uma comunidade ao longo de vários momentos da História local, regional e nacional, cujo reflexo é visível no arco da muralha fernandina, na capela e antigo hospital da Misericórdia, no antigo solar dos Távoras, prolonga-se na arcada e torre do relógio do século XVIII, no lado oposto no edifício dos Paços do Concelho, culminando este conjunto com casario dos séculos XVII e XVIII.

A riqueza decorativa e arquitetónica que marca o urbanismo desta praça é tradutora de uma época de grande desenvolvimento económico de S. João da Pesqueira, ligada à produção de vinho do Porto entre meados do século XVII e finais do século XVIII, que incentivou a fixação de famílias nobres da região e a consequente construção de edifícios que personificavam a nobreza de linhagens, a riqueza das famílias locais e dos grupos sociais mais distintos da urbe. Marcas, símbolos, ambiências, imaterialidades e gostos, expressos num percurso temporal histórico e patrimonial.





Praça da República



Acesso pedonal
(recomendado)



Rua Direita



Praça da República



Núcleo Histórico de S. João da Pesqueira: Praça da República, Rua do Arco, Adro de Santa Maria, Rua dos Gatos, Rua Dr. Francisco José Bernardes e Praça da República

Com a fixação das fronteiras e a restauração do reino em 1668, a situação geoestratégica de S. João da Pesqueira perdeu alguma importância no plano defensivo da fronteira, e a velha muralha, obsoleta, foi-se desfazendo para aproveitamento de alguma pedra ou foi mesmo absorvida pelas próprias construções.

Em 1762, S. João da Pesqueira constava da correição de Pinhel, uma das cinco correições da província da Beira, conjuntamente com outras 53 vilas. Já em 1798, e de acordo com o Censo de Pina Manique, as povoações que hoje pertencem a S. João da Pesqueira, estavam espalhadas por mais concelhos, perdendo o estatuto de

concelho no Liberalismo, formando-se o atual, a partir das reformas iniciadas no Liberalismo. Nas referências e disposições camarárias de 1828, um conjunto de deliberações refletem as posições locais em relação ao período das guerras liberais, onde é emitida “*ordem para que se coloquem luminárias em honra de D. Miguel*” e suspendendo-se de imediato “*o senado municipal por causa da simpatia do senado com os liberais*”.

Passando pela rua do Arco, em direção ao Adro de Santa Maria, surge a Casa dos Sarmentos com fachada marcada por uma varanda corrida em ferro forjado, rasgada por seis janelas separadas por uma porta de verga

em arco abatido. No centro do adro, o busto de homenagem aos ensinamentos e pedagogia do Padre João.

A toponímia do atual Núcleo Histórico de S. João da Pesqueira (Rua dos Gatos, Travessa dos Gatos, Rua Nova) aponta para a probabilidade de existência de uma pequena *judiaria*, ou uma simples rua (comuna) onde habitava um grupo de seguidores da Lei de Moisés. Esta artéria personifica esse legado, onde na 1ª metade do século XV (entre 1441 e 1445) foram autorizadas pelo poder régio, Cartas de Contrato a artesãos (exercício de um ofício e coleta do seu trabalho) seguidores da Lei de Moisés, em S. João da Pesqueira.

Retomando o percurso pela antiga rua do Outeiro, atual rua Dr. Francisco José Bernardes em direção à Praça da República, uma referência para a população que este aglomerado possuía no ano de 1843 “*S. João da Pesqueira possuía 204 fogos e 697 habitantes, S. Thiago da Pesqueira 168 fogos e 580 habitantes, S. Maria da Pesqueira, 121 fogos e 377 habitantes e S. Pedro da Pesqueira 93 fogos e 312 habitantes*”.

Das imaterialidades e ritualidades realizadas neste aglomerado, são de destacar as celebrações do dia do Corpo de Cristo (Corpus Christi), incumbindo-se muitas vezes a municipalidade local de as organizar, assim





Núcleo Histórico de S. João da Pesqueira: Praça da República, Rua Dr. Paradela de Oliveira, Rua da Figueira, Rua de S. João, Avenida Marquês de Soveral e Rua Visconde D'Assêca

como as festividades da Páscoa, como aconteceu em 1758 *“elegendo pessoas para segurar no pódio nas festividades da Páscoa”* e em 1759 *“na organização da procissão de Corpus Christi”*.

Passando a Praça da República, visitando o Museu Eduardo Tavares com a sua exposição permanente de arte contemporânea, representativa da oficina artística do escultor Eduardo Tavares, e a exposição do legado arqueológico de todo o território de S. João da Pesqueira, descendo parte da rua Dr. Paradela de Oliveira (médico e fadista), deixa-se o antigo aglomerado pela rua da Figueira em direção à Igreja de S. João.

Este imóvel religioso de fachada simples do século XIV, possui arco ogival interrompido, rematado por torre sineira de dupla ventana. São de destacar no seu interior quer o retábulo-mor barroco, quer o teto apainelado do século XVII. No seu interior, ainda são visíveis diversas lápides funerárias.

Em plena Avenida Marquês de Soveral (diplomata português em Londres nos finais do século XIX/início do século XX, natural de S. João da Pesqueira) o edifício dos atuais Paços do Concelho de finais do século XIX, expressa a representatividade e transformação do poder local, as reminiscências medievais do municipalismo

e autonomia local. Persiste ainda desse legado medieval, a pedra de armas que este edifício possui na sua fachada, alusão às comunidades piscatórias, ao rio Douro e ao seu burgo medieval. No átrio destaque, para os azulejos provenientes da fábrica Aleluia, em Aveiro, representativos das fases da vinha e do vinho, das diversas atividades do mundo vitivinícola, da paisagem em socalcos, da caça e da pesca, de sítios e lugares simbólicos, como o Cachão da Valeira ou a Ferradosa.

Repositório das identidades locais, expressas nas imaterialidades, quotidianos e azáfamas dos meios rurais.

Ainda na mesma artéria, e no prolongamento do edifício dos Paços do Concelho, a Casa Castro Pereira apresenta uma qualidade arquitetónica expressa na horizontalidade de conteúdos arquitetónicos, característica dos séculos XVII e XVIII. Sensivelmente a meio da Avenida Marquês de Soveral, a rua Visconde de Assêca, apresenta alguns imóveis com bom grau de erudição arquitetónica.

Este aglomerado atesta uma prosperidade renovada nos séculos XVII e XVIII mas com profundas raízes nos séculos antecedentes, cuja configuração muito deve aos diversos ritmos, gostos e momentos da História.





Acesso pedonal
(recomendado)

Percurso Urbano
(recomendado)



Início



Sentido



Final

(Aconselhável)



Praça da República



Provável troço da linha
de muralha medieval



Casa do Cabo

O século XVIII é em Portugal um tempo de grande atividade arquitetónica, à qual se associa todo o advento económico e comercial com o Brasil. Ao nível da arquitetura de espaços e artes decorativas é o período do barroco, com divergências regionais, assumindo no Norte um carácter mais decorativo, sendo mais rico e versátil no litoral e empobrece à medida que caminhamos para o interior.

Para além de outros projetos arquitetónicos surge-nos o solar, casa-mãe de uma família nobre em geral associada à posse fundiária que se expande pelo Douro, Minho e Beiras. Inserida neste contexto de posse

fundiária e da ambiência proporcionada pela produção vitivinícola no Douro, a Casa do Cabo apresenta afinidades à cultura arquitetónica de Nicolau Nasoni, que muito se faz sentir pelo vale do Douro.

Cronologicamente datada de meados do século XVIII, o espaço arquitetónico desenvolve-se no sentido horizontal e é complementado por um jardim de estilo francês, reflexo da sociedade do Antigo Regime dos séculos XVII e XVIII. A fachada cenográfica está dividida em três corpos por pilastras, apresentando as janelas padieiras profusamente lavradas com motivos rocaille. No corpo central, ladeado por pilastras rematadas por

fogaréus, destaca-se o balcão recortado assente sobre pilares prismáticos, onde se abre uma portada de molduras trabalhadas. A rematar o brasão joanino sobre empena circular monumental.

A Casa do Cabo foi pertença da família Sande e Castro, sendo posteriormente adquirida pela Baronesa de Fragosela. Durante os anos 30 e 40 do século XX são realizados os primeiros estudos e anteprojetos de recuperação do edifício face ao seu estado de eminente ruína, sendo intervencionado nos anos 60 e 70 para adaptação a tribunal da comarca. Foi chamada de Casa do Cabo por ser a última casa do lugar, fazendo parte

do imaginário, a sua volumetria e escala, expressa nas 365 portas e janelas, tal e qual como os dias do ano. No interior, destaque para dois baixos-relevos do escultor Eduardo Tavares, com a designação de Justiça e Paz, e o Bem e o Mal.

O barroco assume-se como sensorial, realista, naturalista e ostentatório, existindo a abertura a uma Natureza, entendida como material arquitetónico do jardim. Esta sensibilidade vai dar origem a um jardim que serve ao proprietário para mostrar a sua forma de estar na vida, ou seja para servir à sua representação e ao lazer.





Casa do Cabo (Jardim)

Palácio de Cidrô

Antigo Hotel

Casa dos Maurício

Casa dos Magistrados

Grémio dos Vitivinicultores

O jardim da Casa do Cabo, de planta retangular, possui canteiros recortados por banquetas de buxo, tendo ao centro esculturas (no total seriam 4 esculturas, representando as Estações do Ano) um lago ou tanque com repuxo. Os canteiros são plantados com arbustos ornamentais e plantas floríferas herbáceas, destacando-se do conjunto desta vegetação, dois teixos situados na então entrada do jardim. Nasoni coloca a casa dominando o grande eixo dos jardins, sendo mais frequente encontrá-lo de lado ou nas traseiras, é o jardim mais recatado. Ainda existia a mata (Mata do Cabo), local simbólico, de recolhimento e repouso.

Seguindo pela E.N. 222-3 na direção de S. Salvador do Mundo, e após o aglomerado populacional, surge o Palácio de Cidrô, imóvel do final do século XIX. Com uma provável recreação cénica do período do romantismo português, e o regresso ao passado medieval expresso no seu alçado principal, o Palácio de Cidrô, está estruturado em torno de um pátio interior, onde se destaca o pórtico ameado que lhe dá acesso. Para além da área de vinha que o rodeia, possui junto ao seu alçado localizado a este, um jardim. Associado a este espaço, a figura do Marquês de Soveral, diplomata português em Londres no período final da monarquia portuguesa.

Uma outra tipologia arquitetónica existente neste território, é a denominada *arquitetura de estilo brasileiro*, sendo disso exemplo o edifício do Antigo Hotel, na Avenida Marquês de Soveral. Possui uma morfologia arquitetónica muito decorativista (cornijas, janelas e portas), com a utilização e implantação da lousa em espinha como forma de revestir o exterior do imóvel, para além da galilé do alçado principal.

O edifício da Casa dos Maurício, na Avenida Cachão da Valeira, apresenta soluções arquitetónicas com blocos independentes nos quais são introduzidas conjuntos de janelas com arco de volta perfeita.

Na Avenida Marquês de Soveral, subsiste o imóvel destinado a habitação dos magistrados que eram colocados a exercer funções em S. João da Pesqueira. Moradia geminada, com características da Arquitetura Moderna, apresenta características estruturais no quadro dos materiais, das técnicas e dos sistemas construtivos, o que permitiu novas formas de edificação que iriam ao encontro das necessidades de um mundo mais “modernizado”. Paralelo a este espaço, o Grémio dos Vitivinicultores, espaço de serviços implementado no país e na Região Demarcada do Douro na 2ª metade do século XX, onde no mesmo espaço, existem áreas destinadas aos serviços administrativos e armazém para venda de produtos agrícolas aos vitivinicultores.





Convento de S. Francisco

Capela da Senhora do Rosário

Capela da Senhora do Monte

Localizado a este de S. João da Pesqueira, o Convento de S. Francisco foi mandado edificar por Belchior de Sousa em 1581, sob licença do bispo D. António Teles de Meneses e do conde Luís Álvares de Távora, que posteriormente o doou à Ordem Terceira da Penitência de S. Francisco. Integrado na paróquia de S. Tiago, este convento era famoso e conhecido pela existência nas suas instalações de uma boticária, que em 1794, o valor patrimonial em objetos ascendia a 645.950 réis.

Associado a este espaço e à sua importância social e religiosa, aparece a figura de Frei Gaspar da Piedade, o

iniciador da construção do atual Santuário de S. Salvador do Mundo, espaço onde, desde 1725, a primeira capela ali existente estava entregue aos clérigos desta instituição religiosa. É ainda da tradição local, que neste espaço terá passado o futuro Marquês de Pombal, onde na sua juventude teria frequentado aulas lecionadas por um tio. Este espaço, como outros espalhados pelo País, foi incluído no processo de extinção das ordens religiosas em 1834. Do Convento de S. Francisco, apenas resta uma arcada que fazia parte do claustro, bem como várias lápides que se encontram no jardim do edifício.

Passando o “*antigo bairro do Convento*”, percorrendo a rua Senhora do Rosário por entre várias vinhas, surge a capela da Senhora do Rosário. Edifício da 2ª metade do século XVI (1574), de culto à Senhora do Rosário. No espaço interior, destaca-se um altar com várias figuras litúrgicas. Tem um pequeno adro rodeado por aciprestes, onde se celebra romaria na segunda-feira de Páscoa, sendo realizada no final da celebração, volta processional com cânticos em redor do espaço religioso. Nesse dia ainda se assiste ao desenvolvimento de atividades recreativas, com receitas para a festa religiosa anual da Senhora dos Remédios.

A oeste de S. João da Pesqueira, e tomando a direção indicativa na E.N.222 de Senhora do Vencimento (também é conhecida por esta designação), e subindo em direção a uma área florestal e de lazer, encontra-se a capela da Senhora do Monte. Em anos passados, eram realizadas neste local, diversas celebrações da Feira da Senhora do Monte (1 de Setembro), assim como celebrações devocionais inseridas nesse mesmo evento anual, ou como aconteceu no ano de 1809, quando foi realizada festa “*na Senhora do Monte como agradecimento à saída de Portugal dos exércitos franceses*”.





Capela da Mata do Cabo

Rua de S. Pedro

Igreja de Espinho

Alminhas das Fontelas

Cruzeiro de Espinho

Cruzeiro do Jardim de S. Tiago

Alminhas da Cruzinha

Cruzeiro

Altar do período do Barroco, constituído por várias peças em madeira revestida a folha de ouro (talha dourada), proveniente de capela existente nas antigas instalações da Casa do Cabo, solar barroco característico do século XVIII, edificado em S. João da Pesqueira.

No centro do altar, subsiste imagem de Santo Estevão em posição frontal, com vestes de diácono, segurando na mão esquerda o Evangelho sob o qual se visualizam as pedras representativas do seu martírio. A mão direita encontra-se levantada em relação ao corpo principal, onde estaria empunhada uma palma.



No aglomerado populacional de Espinho, subsistem alguns elementos arquitetónicos representativos do património religioso deste território, destacando-se igreja (com data de 1954) dedicada ao culto local. Na envolvência deste edifício, encontra-se um cruzeiro bastante decorado estando representado Cristo Crucificado. Ao longo deste território, e especialmente junto a antigos caminhos, foram construídas em diversos materiais, muitas vezes pelo canteiro ou mestre-de-obras local, pequenas alminhas com carácter devocional, apresentando muitas delas, pintura iconográfica assumidamente religiosa.



Pode-se associar o carácter supersticioso na sua construção, relembrando o uso romano e pagão de levantar nas encruzilhadas de caminhos *aedicullas* ou *aras* em honra dos *Lares compitales* e *Lares viales*.

Este carácter devocional está bem representado na existência e localização dos cruzeiros, onde para além de em muitos casos representarem momentos da Via Sacra, nomeadamente a Crucificação de Cristo, podem-se localizar na periferia dos aglomerados populacionais. Ainda perdura na memória local, diverso património móvel alusivo a momentos, percursos e antigos edifícios religiosos.



O cruzeiro do jardim de S. Tiago (1940) é o resultado de um momento e percurso histórico de Portugal, o Estado Novo, onde se assiste à construção destes monumentos pelo país. Originalmente construído no jardim de S. João, este imóvel invoca (os então) momentos importantes do percurso histórico, estando gravadas as datas de 1139 (Independência de Portugal) 1640 (Restauração da Independência) e 1940 (Exposição do Mundo Português). No fuste, apresenta a simbologia da esfera armilar e da cruz de Cristo (iconografia do período dos Descobrimentos) o brasão identificativo de S. João da Pesqueira e os brasões alusivos a Portugal.





Fontanário da Devesa

Fonte da Devesa

Oliveira dos Amores

Espaço de memórias, de confluências, de passagem, e também espaço habitacional, a Devesa foi núcleo agregador de estruturas de apoio à agricultura, com lagares de vinho e azeite, palheiros e alambiques, como aconteceu em 1834, quando é instituída pela municipalidade a *“Proibição de destilação em alambique na parte de cima da fonte pública, para não estragar a qualidade da água”*.

Mas acima de tudo, é a água, e a construção de pequenas estruturas de apoio e captação, que a tornam preponderante no quotidiano de uma população rural, em que a agricultura e o abastecimento de água se

se assumia, e assume, para a transformação deste espaço. A construção de estruturas, de diferentes tipologias e estilos, mas de carácter funcional, permitiram o aproveitamento da água para o regadio dos terrenos, o direccionamento das águas subterrâneas e também para o abastecimento à população.

É este carácter funcional, e a sua localização espacial e social, que fez com que ainda hoje sejam utilizadas no quotidiano da comunidade em que se inserem.

O Fontanário da Devesa, a Fonte da Devesa, a Bica da Devesa representam a necessidade de represamento da

água num território que no passado tinha graves problemas de acesso ao seu consumo. De arquitetura simples e erudita, de mergulho ou de superfície, eram espaços onde muitas vezes, ou a pé, ou de cavalo, se ia recolher água para abastecimento das habitações. Por se localizarem na periferia do aglomerado populacional, no percurso para o território agrícola, eram espaços onde os animais então utilizados no trabalho agrícola, saciavam a sede. Proporcionavam ainda ambiências sociais muito próprias, onde o motivo de “ir à fonte” ou ao “tanque lavar roupa” era pretexto para ir ao local de encontro e de compromissos futuros.

A sacralização de espaços, de territórios, de paisagens, de monumentos, pode ser elevada a momentos, e a imaterialidades, como acontece na atribuição do local de compromissos futuros, personificada na Oliveira dos Amores, local de memória, para alguns, e de testemunha, para outros.

Oliveira dos Amores

Abrigo dos Namorados

De pobres e de doutores

De abraços envergonhados

(J. Gonçalves Monteiro, 2005)





Vale do rio Douro
Ferradosa
(panorâmica a partir de
S. Salvador do Mundo)



S. Salvador do Mundo

Situado no Monte da Fraga, o Santuário de S. Salvador do Mundo é constituído por um conjunto de nove pequenas capelas construídas a partir do século XVI, que se distribuem desde a base do monte até ao topo, simbolizando algumas estações da via-sacra, com esculturas representativas das cenas da Paixão de Cristo. Esta ermida foi fundada em 1594, por Gaspar da Piedade, que vindo de Jerusalém, passou por Roma, onde Clemente VIII concedeu licença para erigir a ermida *"em ação de graças por se ter salvo de um naufrágio junto à ilha de Rhodes"* vindo posteriormente viver para este local (Cova de Frei Gaspar) iniciando a sua sacralização.

Do conjunto religioso, destaque para a 1ª capela que desde 1725 estava entregue ao Convento de S. Francisco, em S. João da Pesqueira, assim como o recheio da 5ª capela, com altares provenientes de outras capelas, um púlpito trabalhado, ex-votos e anjos tocheiros do século XVIII. No núcleo principal, existe a Casa do Ermitão, a denominada Cova de Frei Gaspar, o alpendre de receção aos peregrinos e a Capela de S. Salvador (a de maiores dimensões) representando o Calvário.

Tem romaria no dia do Corpo de Deus, e em anos passados existia o ritual religioso da realização de procissão

de S. João da Pesqueira, em direção a S. Salvador do Mundo.

S. Salvador do Mundo tem associadas várias lendas entre as quais a da Fraga do Diabo (junto à 6ª capela), onde *"estão marcados os joelhos, cotovelos e chifres do Demo, que ao fugir apressado de S. Pedro caiu, e deixou ali visíveis as marcas da sua estrutura física"*. Do imaginário imaterial desse local persiste a crença e o ato de dar o nó numa giesta *"todo o jovem que dê um nó com a mão esquerda, em andamento, numa giesta, ao descer o monte para a capela de Nossa Senhora da Penha, casará nesse ano"*.

A Capela da Senhora da Penha, localizada a meio da encosta, paralela ao local do Cachão da Valeira, representa as dificuldades da navegabilidade do rio Douro, daí a sua construção, como uma prova de devoção que os marinheiros dos barcos rabelos depositavam para a realização de uma boa viagem por aquele local. Sobranceiro a S. Salvador do Mundo, situava-se o Cachão da Valeira que até ao século XVIII constituía um obstáculo à navegabilidade do Douro. A sua destruição deve-se ao Secretário de Estado de D. Maria I, José de Seabra, tendo a obra sido entregue ao Padre António Camelo e ao engenheiro hidráulico José Maria Yola.





S. Salvador do Mundo

O local do antigo cachão da Valeira, ou cachão de S. Salvador da Pesqueira, era na opinião do Barão de Forrester *“o sítio mais romântico do rio Douro”*. O tenebroso local, onde era comum ocorrerem naufrágios, foi durante séculos intransponível, sendo que a navegabilidade do rio Douro estava condicionada com este obstáculo natural. Local de transição entre o Cima Corgo e o Douro Superior, este obstáculo foi demolido entre 1780 e 1791, mas ainda continuava a ser um local de difícil navegação, estando representado pelo Barão de Forrester no *Mapa do Douro Portuguez e Paiz Adjacente* (1848), mapa do percurso do rio Douro com os

obstáculos naturais existentes. No final do século XIX, no decorrer da construção da linha de caminho-de-ferro do Douro, é realizado o túnel ferroviário da Valeira. A orografia natural deste local foi assim descrita por Miguel Torga *“Desço o Doiro de barco, desde a foz do Sabor. Faltava no meu rol de deslumbramentos o maior de todos que só hoje, ao cabo de muitos anos de espera, me foi concedido por não sei que caprichoso deus do acaso. Vou calado à proa do rabão, alheio aos dentes do sol e ao garrote da sede, atento apenas à tragédia de água e pedra que há horas se desenrola no palco movediço, entre fúrias e catarses (...) Por isso, digo adeus a S.*

Salvador do Mundo, que espreita lá do alto o abismo de onde lhe aceno, e sigo humildemente silencioso, ao som do compasso dos remos, metrónomos da minha emoção sem palavras”. A construção da barragem da Valeira em 1976, transformou este local e o percurso fluvial do rio Douro.

Descendo S. Salvador do Mundo pelo lado nascente, em direção à Praça dos Mouros, pode observar o rio Douro e o local da Ferradosa. Construída em finais do século XIX, a estação ferroviária da Ferradosa, foi durante anos local de passagem de mercadorias e pessoas para o Porto e Barca D’Alva.

A cenografia de S. Salvador do Mundo e do território que o rodeia, a sua localização e o relacionamento com o rio Douro, fazem deste espaço um local mítico, proporcionando descrições definidoras da sua identidade *“Se aqui, no alto de São Salvador do Mundo, estendemos a vista em redor, os montes que nos cercam fazem acudir à lembrança a solidão de um mar irado, em luta com o qual vemos o homem debater-se como um náufrago, dando-nos a angustiante medida da nossa insignificância de bichos rasteiros, comparados com a desproporção de tamanha monstruosidade”* (Manuel Mendes).





Percurso visitável em
S. Salvador do Mundo



Panorâmica da Valeira e
S. Salvador do Mundo



O território agrícola

O território agrícola de S. João da Pesqueira está umbilicalmente relacionado com as práticas agrícolas do Douro, onde a viticultura assume um papel central na economia local. Esta apetência vitícola, é mencionada nos diversos forais atribuídos, contudo é reforçada em 1757 no Mapa das Instruções das Demarcações onde é mencionada a produção de “vinho de ramo para 20 e 15 réis” sendo o custo dos carretos dos vinhos “de 700 a 800 réis” e o respetivo “frete na barca até à cidade do Porto de 1300 réis (...)”.

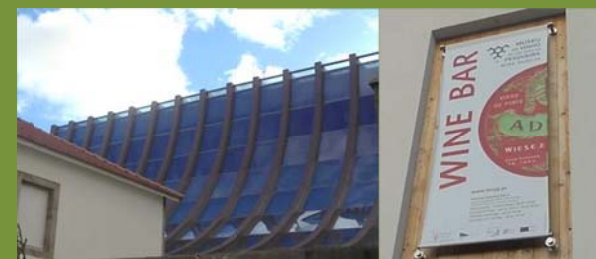
Nas várias referências cartográficas deste território vitivinícola (*Mapa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro*, de

1843, do Barão de Forrester) surgem diversas quintas produtoras de vinho especialmente entre Nagoselo do Douro e S. Salvador do Mundo. No ano de 1869, é mencionada para este território, a produção de “100 pipas de vinhos finos e 600 pipas de vinhos ordinários”. A invasão da filoxera, provoca a destruição de vinha, sendo afetada esta área vinícola no ano de 1877 (*Carte du Pays Vignoble du Haut Douro*), onde no ano seguinte, 1878, são produzidos vinhos de 2ª qualidade (*Carte Vinicole du Douro*). Ao longo deste período, são inúmeras disposições camarárias alusivas ao mundo vitivinícola, como aconteceu em 1807, quando são determinadas

posturas municipais sobre o vinho e a vinha e a nomeação de inspetor para verificar as condições das adegas. A definição final da Região Demarcada do Douro acontece em 1921, correspondendo à atual demarcação. Também foi território da plantação do cereal, do centeio, existindo em 1938 três moinhos acionados por água no rio Torto, um no rio Douro (só funcionava no Verão) e um a vapor na “Estrada Nacional n. 6”.

Para além do vinho, a produção de azeite contribuiu para uma mais-valia económica destas populações, proporcionando ao nível da paisagem, a construção de um diverso mosaico agrícola, com rotinas e azáfamas

muito próprias. No final do século XIX, em 1880, é indicada a produção de 15.129 L de azeite (280 réis por L) e cinco mais tarde a produção aumenta para o dobro (30.258 L, a 160 réis por L), existindo três lagares de azeite em 1908, de sistema aperfeiçoado. No ano de 1933, são declarados 50.850 L de produção de azeite, resultantes de 116 manifestos de azeite. A construção do território agrícola é constante, baseada no conceito de paisagem cultural evolutiva e viva, onde o carácter vitivinícola foi assumindo o primaz identitário deste território, recentemente consagrado no edifício do Museu do Vinho de S. João da Pesqueira.





Fases do ciclo da vinha



- 17 Jardim, Fontes e Fontanários da Devesa
- 18 Oliveira dos Amores
- 19 S. Salvador do Mundo
- 20 Anta da Senhora do Monte
- 21 Museu Eduardo Tavares
- 22 Museu do Vinho
- Núcleo Histórico

- | | | | |
|--|--|--|--|
| A
Igreja de S. João | B
Capela da Misericórdia | C
Capela da Mata do Cabo | D
Capela da Senhora do Rosário |
| E
Capela da Senhora do Monte | F
Alminhas das Fontelas | G
Cruzeiro do Jardim de S. Tiago | H
Cruzeiro |
| I
Cruz da rua de S. Pedro | J
Alminhas da Cruzinha | LM
Igreja e Cruzeiro de Espinho | |
| 1
Casa do Cabo | 2
Convento de S. Francisco | 3
Solar dos Pintos | 4
Casa Castro Pereira |
| 5
Casa dos Veloso | 6
Casa dos Sarmento | 7
Arco, Arcada, Torre do Relógio | 8
Antigo solar dos Távoras |
| 9
Paços do Concelho | 10
Palácio de Cidrô | 11
Antigo Hotel | 12
Casa dos Magistrados |
| 13
Grémio dos Vitivinicultores | 14
Casa na rua Visconde D'Asseca | 15
Casa dos Maurício | 16
Busto do Padre João |



As ritualidades e ciclos festivos: Vindouro, Festa Pombalina e Festa dos Saberes e Sabores do Douro

Nos primeiros dias de Setembro, aproveitando o início do ciclo das vindimas, realiza-se a Vindouro, Festa Pombalina. Durante três dias, vários dos produtores de referência do Douro dão a conhecer os mais recentes lançamentos de vinhos DOC e Porto, disponíveis para prova durante todo o evento. Os visitantes têm a oportunidade de participar em conversas informais sobre vinho, com workshops de temas variados e sugestões práticas que ajudam a uma melhor apreciação.

Do evento fazem parte as habituais recriações históricas pombalinas, inspiradas na figura do Marquês de

Pombal. No centro histórico de S. João da Pesqueira será possível viajar no tempo e recuar até ao século XVIII em diferentes momentos: no Mercado Pombalino, com expositores trajados a rigor que apresentam e vendem produtos regionais podendo também ser apreciados e degustadas iguarias gastronómicas, o Cortejo Pombalino com a proclamação do édito de criação da Região Demarcada do Douro, animação e teatro de rua que nos transporta para as diversas vivências e ambientes do século XVIII.

No Jantar Pombalino, sempre um dos pontos altos de cada edição, revive-se a atmosfera gastronómica, vínica

musical e teatral desse período histórico. Ainda associado ao mundo do vinho, é realizado o Leilão de Vinhos Generosos, onde são leiloados vinhos produzidos neste território e a Missa das Vindimas. Paralelamente, ocorrem diversos espetáculos musicais com nomes de relevo do panorama musical nacional.

A Vindouro, Festa Pombalina é um evento anual com raízes no mundo da vinha e do vinho, que em vésperas do período das vindimas, proporciona três dias intensos de descoberta, partilha de conhecimentos e experiências associadas ao território Douro.

www.vindouro.com

Aproveitando a beleza do ciclo vegetativo da amendoeira em flor no final de Fevereiro e início de Março, é realizada anualmente a Festa dos Saberes e Sabores do Douro. Ao longo de três fins de semana, são expostos diversos produtos aqui produzidos, desde o vinho, o azeite, queijos e enchidos, amêndoa... podendo ser apreciados e degustados nas diversas tasquinhas. O evento ainda contempla a vertente do artesanato, podendo ser visualizadas diversas temáticas expositivas: objetos em barro, vime, rendas, xisto. Durante este período pode-se assistir a diversa animação tradicional e espetáculos musicais.





Percurso Pedestre GR 14

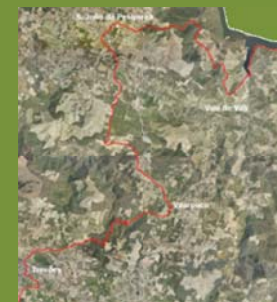
Grande Rota dos Vinhos da Europa

Percurso Pedestre PR 4

Pequena Rota das Oliveiras



Troço do Percurso Pedestre do GR 14



Troço do Percurso Pedestre do PR 4



Ficha Técnica

Coleção: Percorrer e Conhecer...

Título: Percorrer e Conhecer... S. João da Pesqueira

Entidade Promotora: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira

Coordenação: Gabinete de Ação Social, Educação e Cultura

Texto, Fotografia e Conteúdos: Gabinete de Ação Social, Educação e Cultura (A.O.)

Fontes Iconográficas: Arquivo Municipal de S. João da Pesqueira

Reservados: Livro do Tombo dos Bens do Concelho de S. João da Pesqueira (1767)

Livro do Tombo Novo do Concelho de S. João da Pesqueira (1866)

Livros de Atas da Câmara Municipal (1755-1759, 1774-1779, 1806-1811, 1827-1832, 1832-1835)

Código de Posturas da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira (1871)

Livro dos Autos de Arrematação das Barcas de Passagem (1936 a 1965)

Revista Universal Lisbonense, vol. II, série III, n. 6 (1843)

Créditos Fotográficos: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira (A.O.)

Edição: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira

Janeiro de 2016



Todos os direitos reservados

